

## V

## IRMAO GOTUZO

Apresentado ao Irmão Gotuzo, espontânea satisfação felicitou-me o espírito. Imediatamente, reconheci que vigorosos laços de simpatia nos arrastavam um para o outro. Nele, as afinidades com os serviços da esfera carnal eram ainda, sobremaneira, fortes. A conversação, gestos e pareceres denunciavam-lhe a condição. Impregnado de intensas lembranças da vida física, a que se sentia imantado por incoercível atração, não subira, por enquanto, aos nossos círculos de trabalho mais elevado, contando apenas alguns poucos anos de consciência desperta, após acordar na existência real.

De inicio, ofereceu-me elementos para sumariar-lhe a posição. Desencarnara antes de mim, peregrinara muito tempo, através de sendas purgatórias, e embora houvesse demorado vários anos semi-inconsciente, entre sombras e luzes, apresentava-se em dia com todos os conhecimentos de Medicina, propriamente humanos.

— Sempre supus — confiou-me, bem humorado, quando nos vimos a sós — que após a morte do corpo nada mais teríamos a fazer, além de cantar beatificamente no céu ou ranger dentes no inferno, mas a situação é extremamente diversa.

Fez significativo parênteses e continuou:

— Refiro-me à velha definição teológica, porque nunca pude aceitar a tese negativista, em caráter absoluto. Impossível que a vida estivesse circunscrita ao palco de carne, onde o homem de-

sempenha os mais extravagantes papéis, em múltiplas atitudes cênicas, desde a infância até a velhice. Algo deveria existir, sempre acreditei, além do necrotério e do túmulo. Admitia, porém, que a morte fosse maravilhoso passe de magia, orientando as almas a caminho do paraíso de paz imortal ou da região escura de castigos eternos. Nada disso, contudo. Encontrei a vida, em si mesma, com o mesmo sabor de beleza, intensificação e mistério divino. Transferimo-nos de residência, pura e simplesmente, e tanto trazemos para cá indisposições e doenças, como as investigações e processos de curar. Os enfermos e os médicos são aqui em maior número. O corpo astral é organização viva, tão viva quanto o aparelho fisiológico em que vivíamos no carnal.

Porque percebesse, talvez, em meus olhos, a silenciosa notícia de que existiriam novidades referentes ao assunto, em círculos mais altos, acrescentou:

— Pelo menos, em nosso plano, a situação é análoga.

E continuou, soridente:

— Ensinavam-nos, na Crosta Planetária, que o homem é simples gênero da ordem dos primatas, com estrutura anatômica dos mamíferos superiores, com postura vertical, dimensões consideráveis de crânio e linguagem articulada. Referiam-se os catedráticos aos homens fósseis e pré-históricos, colando afirmativas dogmáticas da ciência oficial em nossa cabeça, como se dependuram cartazes no teto dos bondes. Explicava-nos a Religião, por sua vez, que o ser humano é alma criada por Deus, no instante da concepção materna, e que, com a morte, regressa ao seio divino para definitivo julgamento, em toda a eternidade, na hipótese de o paciente não ser obrigado a determinadas demoras nas estações desagradáveis do purgatório.

Imprimiu novo acento à conversação e considerou:

— De fato, suponho devam existir lugares mais deliciosos que o éden imaginado pelos sacerdotes humanos e, com meus olhos, tenho visto flagelações e sofrimentos que ultrapassam todas as imagens infernais ideadas pelos inquisidores. Entretanto, e é lamentável reconhecê-lo, nem a Ciência, nem a Religião nos prepararam, convenientemente, para enfrentar os problemas do homem desencarnado.

Fizera-se, entre nós, intervalo mais longo.

Relanceando o olhar pelo gabinete amplo, reparei o cuidado de Gotuzo, na zona de sua especialidade. Mapas variados do corpo humano desdobravam-se nas paredes, como se fossem preciosos adornos. Pequenas esculturas de órgãos diversos assomavam, aqui e ali. O que mais feria a atenção, porém, era determinada imagem do sistema nervoso, estruturada em substância delicadíssima e algo luminosa, em posição vertical, com a altura aproximada dum homem, na qual se destacavam, com extraordinária perfeição, o cérebro, o cerebelo, a medula espinal, os nervos do tronco, o mediano, o radial, o plexo sagrado, o cubital e o grande ciático.

Acariciando, enlevado, a obra prima, observei:

— Tem você muita razão, meu caro Gotuzo. Se os homens encarnados compreendessem a importância do estudo alusivo ao corpo perispiritual!...

— Sim — confirmou com graça espontânea, atalhando-me as considerações — a ignorância que nos segue até aqui é simplesmente deplorável! A personalidade humana, entre as criaturas terrestres, é mais desconhecida que o Oceano Pacífico. Eu por mim, católico militante que fui, sempre aguardei o sossego beatífico depois da morte.

Fixou expressão quase cômica e acentuou:

— Vim com todos os sacramentos e passaportes da política religiosa, passados em solenes exequias. Creio, todavia, que o serviço diplomático de minha igreja, no céu, não está bem atendido. Não trouxe bastante documentação que me garantisse

paz na transferência. Em vão, reclamei direitos que ninguém conhecia e supliquei bênçãos indébitas. Em face do desconhecimento aqui predominante a meu respeito, regressei ao meu velho templo, onde ninguém me identificou. Desesperado, então, mergulhei-me, por longos anos, em dolorosa cegueira espiritual. E, francamente, rememorando fatos, rio-me, ainda hoje, da confiança ingênua com que cerrei os olhos no lar, pela última vez. O padre Gustavo prometia-me a convivência dos anjos — veja bem! — e asseverava-me que eu seria levado em triunfo aos pés do Senhor, e isso apenas porque legara cinco contos de réis à nossa antiga paróquia. Meus familiares acompanhavam, em pranto, nosso diálogo final, em que minha palavra sufocada comparecia, em monossílabos, de longe em longe, na extrema hora do corpo. No entanto, se era quase impossível para mim o comentário inteligente da situação, o pároco falava por nós ambos, explicando a felicidade que me caberia no Reino de Deus. Médico de curta jornada, mas de intensa observação, a moléstia não me enganou, mas, inexperiente nos assuntos da alma, confundiram-me plenamente as promessas religiosas. Penetrando o portão do sepulcro e não me sentindo na corte dos santos, voltei, copiando perigosas atitudes dos sôâmbulos, para interpelar o sacerdote que me encorajara o cadáver às estações celestes. Incompreendido e cego, peregrinei por muito tempo, entre a aflição e a demência, nas criações mentais enganadoras que trouxera do mundo físico.

— Certamente, porém — observei, em face da parada mais longa que se fizera — não lhe faltaram bons amigos.

— De fato — concordou. — Entretanto, gastei anos para tornar ao equilíbrio indispensável, condição única em que podemos compreender-lhes o auxílio e recebê-lo.

— Deve, pois, sentir-se feliz, agora.

— Sem dúvida! — comentou Gotuzo, humo-

rístico — reajusto-me com a tranquilidade possível. A maior surpresa para mim, presentemente, é a paisagem de serviço que a vida espiritual nos descortina. Tenho hoje profundíssima compaixão de todos os homens e mulheres encarnados, que desejam insistenteamente a morte física e procuram-na, através de vários modos, utilizando recursos indiretos e imperceptíveis aos demais, quando lhes faltam disposições para o ato espetacular do suicídio. Aguardam-nos atividades e problemas tão complexos de trabalho, que mais venturosa lhes seria a existência totalmente desprovida de encanto, com pesadas disciplinas a lhes inibirem as divagações.

Recordando a posição laboriosa da dirigente da casa, em virtude das observações ouvidas, considerei:

— O volume de nossas tarefas assombraria a qualquer homem comum, e cumpre-nos reconhecer que a necessidade de sacrifício nos serviços desta instituição é enorme. Inda agora, espatou-me a cota de deveres atribuídos à Diretora.

— Inegável! — anuiu, modificando o tom de voz — a Irmã Zenóbia, devotada orientadora, de sublime coração e pulso forte, nos oferece, inviavelmente, magníficas demonstrações de renúncia. E tão grande é o serviço neste asilo, consagrado a socorros diversos, que a chefia se reveza em períodos anuais. Neste ano, a administração compete a ela; no vindouro, teremos as diretrizes do Irmão Galba.

— Cada administrador recebe descanso de um ano? — indaguei, admirado.

— Sim, aproveitando-se o período de repouso, em esferas mais altas, ao contacto de experiências e estudos que enriqueçam o espírito do missionário e beneficie as obras gerais da instituição, com vistas ao futuro. Estou informado de que Zenóbia e Galba dirigem esta casa, há precisamente vinte anos consecutivos, ora um, ora outro. Administra-

dores diversos, no entanto, têm passado por aqui, demandando outros rumos, no plano de elevação... De quando em quando, voltam a visitar-nos, ministrando sagrados incentivos à comunidade de trabalhadores do bem.

— E você? — interrogei, talvez indiscreto — onde passa os recreios e entretenimentos?

— De conformidade com os estatutos que nos regem, possuo também minhas horas de repouso. Todavia — e a sua voz tocou-se de velada tristeza — ainda não posso fruir-las em esfera mais alta. Desfruto-as nos campos da Crosta, respirando o ar puro e tonificante dos pomares e jardins silvestres. O oxigênio, por lá, é mais leve que o absorvido por nós, nestes círculos abafados de transição, onde há que lidar com os resíduos do pensamento humano. As árvores e as águas, as flores e frutos da Natureza terrestre, indenes das emanações empestadas de multidões ignorantes e caprichosas, permanecem repletos de substâncias divinas para quantos de nós que começam a viver efetivamente em espírito. As cidades humanas são imensos e benditos cadinhos de purificação das almas encarnadas, onde se forja o progresso real da Humanidade, mas o campo simples e acolhedor é sempre a estação direta das bênçãos de Deus, garantindo as bases da manutenção coletiva. Não é estranhável, portanto, que aí recolhemos grandes colheitas de energias de paz restauradora.

Conhecia, de sobra, a propriedade de seus argumentos, rememorando experiências anteriores que me diziam respeito; contudo, objetei, com sinceridade:

— Lastimo, porém, que você ainda não tenha podido visitar regiões mais elevadas. Descobriria continentes de radiosas surpresas, revigorando, com eficiência, o estímulo e a esperança.

— Prometem-me, para breve, semelhante júbilo — acentuou resignadamente.

— Ouça, meu amigo — perguntei com afetuo-

so interesse — qual a razão do adiamento? poderia, por minha vez, interpor minha influência humilde no assunto?

O companheiro, que se caracterizara por sadio otimismo, desde a primeira palavra, deixou transparecer inquietante emoção. Fisionomia transtornada, seus olhos móveis e brilhantes nevoaram-se de pranto, dificilmente contido, e, fixando-os talvez no quadro interior das próprias reminiscências, Gotuzo explicou-se, com inflexão de amargura:

— Trago, ainda, a mente e o coração presos ao ninho doméstico, que perdi com o corpo carnal. Readaptei-me ao trabalho e, por isso, venho sendo aproveitado, de algum modo, em atividades úteis; entretanto, ainda não me habituei com a morte e sofro naturalmente os resultados dessa desarmo-  
nia. Encontro-me num curso adiantado de prepa-  
ração interior, no qual progrido lentamente.

Esforçando-se por assumir, diante de mim, ati-  
tude tranquilizadora, prosseguiu, depois de ligeira  
pausa:

— Retomando a mim mesmo, após longos anos de semi-inconsciência, voltaram-me a reflexão, o juízo, o equilíbrio. Oh! meu amigo, que saudades torturantes de minha casa feliz! Marília e os dois filhos, então rapazes de curso ginásial, eram os únicos habitantes de meu pequeno paraíso domés-  
tico. A Medicina, exercida desde cedo, entre clien-  
tela abastada, conferira-me extensos recursos finan-  
ceiros. Vivíamos plenamente despreocupados, entre as paredes acolhedoras e quentes de nosso ninho. Nenhum dissabor, nem a mais leve nuvem. Sur-  
giu-nos a primeira dor com a positivação da pneu-  
monia que me separou da esfera física. A primeira nota de sofrimento, mobilizámos o dinheiro e as relações afetivas, inútilmente. Todas as circuns-  
tâncias favoráveis de ordem material quebraram-se, frágeis, perante a morte. Marília, porém, prome-  
teu-me fidelidade constante até ao fim, selando o juramento com amarguradas e inesquecíveis lágri-

mas. Aproximava-me dos cinquenta anos, enquanto a querida esposa não ultrapassava os trinta e seis. Doia-me nalma deixá-la quase só no mundo, sem o braço do companheiro; todavia, confiando nas promessas religiosas, acreditei que pudesse velar por ela e pelos filhos, da região celestial. A reali-  
dade, porém, foi muito diversa e, depois das lu-  
tas purgatoriais, voltando ansioso à casa, não en-  
contrei rastro dos entes amados que aí deixara. Enquanto perseverava em doloroso sonambulismo, buscando socorro junto à religião, nunca pude vol-  
tar ao campo da família, porquanto, antes do ten-  
tâmen, fui arrebatado em violento e escuro torve-  
linho que me situou em terrível paisagem de trevas e sofrimento indescritíveis. No primeiro instante de libertação, todavia, fui surdo a toda espécie de ponderação, rompi todos os obstáculos e, sequioso de afeto, encontrei-os, enfim... A situação, no en-  
tanto, desconcertou-me. Primo Carlos, que sempre me invejara a abastança, insinuara-se em casa, a título de proteger-me os interesses, e desposou-me a companheira, perturbou o futuro de meus filhos e dissipou-me os bens, entregando-se, em seguida, a criminosas aventuras comerciais. Quase voltei ao primitivo estado de desequilíbrio mental, ajui-  
zando os acontecimentos imprevistos. Após pran-  
tear a posição dos meus rapazes, convertidos em agenciadores de maus negócios, encontrei Marília, justamente no dia imediato ao nascimento do se-  
gundo filhinho do casal. Ajoelhei-me, em soluços, ao pé do leito humilde em que repousava e per-  
guntei-lhe pelo patrimônio de paz que lhe depo-  
sitara, confiante, nas mãos, ao partir... A infeliz, fundamente desfigurada, não me identificou a pre-  
sença, nem me ouviu a voz, mas lembrou-se inten-  
samente de mim, contemplou o pequenino que dormia calmo e caiu em pranto convulsivo, provo-  
cando a presença de Carlos, declarando-se angus-  
tiada, nervosa... Quando vi chegar o invasor, iras-  
cível e detestado, recuei, tomado de infinito horror.

Não tive forças. Era isso o que me aguardava, após tamanha luta? Deveria conformar-me e abençoar os que me feriam? O quadro era excessivamente negro para mim. Em prejuízo de meu espírito, desfrutara uma existência regular, com todos os desejos atendidos. Não me iniciara no mistério da tolerância, da paciência, da dor. E, por esse motivo, meus sofrimentos assumiram assustadoras proporções.

Gotuzo enxugou as lágrimas que lhe correram abundantemente dos olhos e, em vista da impressão forte que o seu pranto me causava, terminou:

— Quase dez anos são decorridos e minha mágoa continua tão viva, como na primeira hora.

Deixando-o entregue ao desabafo, alguns minutos pesados rolaram entre nós.

— Gotuzo, escute-me — disse-lhe, por fim — não guarde semelhantes algemas de sombra no coração.

Em seguida, descrevi-lhe, sumariamente, meu caso pessoal. Ouviu-me atento, confortado.

Finalizando, considerei:

— Por que razão condenar a companheira de luta? e se fôssemos nós os viúvos? quem poderia afiançar que não teríamos sido pais novamente? Não se prenda por mais tempo. O velho egoísmo humano é criador de cárceres tenebrosos.

Percebeu-me a sinceridade e calou-se, humilde. E porque o ambiente se fazia menos agradável, em face da exposição dos íntimos aborrecimentos dele, perguntei, para modificar-lhe o impulso mental:

— Circunscreve-se o trabalho à assistência aos enfermos, no setor de tarefas que lhe são atribuídas?

— Tenho outros campos de atividade — informou.

Fitando-me, algo modificado na expressão fisionômica, interrogou:

— Já cooperou em tarefas reencarnacionistas?

Recordei a experiência que acompanhara, de perto, em outra ocasião (1), e narrei o que sabia.

Fixou em mim olhar significativo e tornou:

— Sim, você conhece um caso de reencarnação, de natureza superior, um caso em que o interessado se fizera credor da gentileza de vários amigos que o auxiliaram, desveladamente. Aqui, todavia, acompanhamos situações dolorosas, através de incidentes desagradabilíssimos para a sensibilidade. São trabalhos reencarnacionistas de ordem inferior, mais difíceis e complexos. Não calcula o que sejam. Há verdadeira mobilização de inúmeros benfeiteiros sábios e piedosos, dos planos mais altos, que nos traçam as necessárias diretrizes. Por vezes surgem problemas torturantes no esforço de aproximação e ligação dos interessados ao ambiente em que serão recebidos, de tal modo deploráveis, que muito angustiosas para nós se fazem as situações, sendo imprescindível o concurso de elevado número de obreiros. Segue-se a reencarnação expiatória de inenarráveis padecimentos, pelas vibrações contundentes do ódio e das humilhações punitivas. Na esfera venturosa em que você habita, há institutos para considerar as sugestões da escolha pessoal. O livre arbítrio, garantidor de créditos naturais, pode solicitar modificações e apresentar exigências justas, mas, aqui, as condições são diferentes... Almas grosseiras e endividadas não podem ser atendidas em suas preferências acerca do próprio futuro, em virtude da ignorância deliberada em que se comprazem, indefinidamente, e, de acordo com aqueles que as tutelam da região superior, são compelidas a aceitar os roteiros estabelecidos pelas autoridades competentes para os seus casos individuais. Por nossa vez, somos executores das providências respectivas e constitui-nos obrigação ven-

(1) Vide "Missionários da Luz". — Nota do Autor espiritual.

cer os mais extensos e escuros obstáculos. Nesses quadros de dor, vemos pais e mães que, instintivamente, repelem a influenciação dos filhinhos, antes do berço, dando pasto a discórdias sem nome, a antagonismos aparentemente injustificáveis, a moléstias indefiníveis, a abortos criminosos. Enquanto isso ocorre, os adversários que reencarnam, em obediência ao trabalho redentor, programado pelos mentores abnegados dessas personagens de dramas sombrios, com longa representação no cenário da existência humana, penetram o campo psíquico dos ex-inimigos e futuros progenitores, impondo-lhes sacrifícios intensos e quase insupor-táveis.

Interrompeu as considerações, fez curta pausa, para acrescentar em seguida:

— Repare que a diversidade, entre as suas informações e as minhas, é efetivamente considerável. Os Espíritos que se esforçam nas aquisições da luz devida, através do serviço persistente na própria iluminação, conquistam o intercâmbio direto com instrutores mais sábios, aprimoram-se, consequentemente, e, pelos atos meritórios a que se consagram, podem escolher seus elementos de vida nova na Crosta Terrestre, como o trabalhador digno que, pelos créditos morais conquistados, pode exigir as próprias ferramentas destinadas ao seu trabalho. Os servos do ódio e do desequilíbrio, da intemperança e das paixões, contudo, que se preparam para as exigências da vida. Aos primeiros, a reencarnação será verdadeira bênção em aprendizado feliz; todavia, aos segundos constituirá necessária e legítima imposição do destino criado por eles mesmos, com o menosprezo a que votaram as dádivas de Nosso Pai, no espaço e no tempo.

Escutando-lhe as observações, sob inexcedível impressão de alegria e encantamento, não pude sopitar a conclusão que me saiu otimista e espontânea da boca:

— Gotuzo, mas é você, experiente desse modo

quanto aos problemas do resgate espiritual, quem guarda mágoa do lar que se foi? Como pode encarcerar-se no desalento, a deter tamanha possibilidade de libertação?

O companheiro fixou em mim os olhos inteligentes e lúcidos, como a dizer em silêncio que sabia de tudo isso, esforçou-se por parecer jovial e respondeu:

— Não se preocupe. Em vista das extremas dificuldades para dominar-me, estudo, atualmente, a probabilidade de reincorporação no ambiente doméstico, enfrentando a situação difícil com a devida bênção do esquecimento provisório na carne, a fim de reconstruir o amor em bases mais sólidas, junto àqueles que não tenho compreendido tanto quanto deveria.

Nesse instante, certa enfermeira assomou à porta de entrada, pedindo licença para interromper-nos e notificou que a turma de sentinelas, em tratamento mental, esperava no salão contíguo.

Esclareceu Gotuzo que seguiria imediatamente. Novamente a sós, explicou-me, sorrindo:

— Na esfera carnal, na qualidade de médicos, nossas obrigações resumiam-se ao exame detido das enfermidades, com indicação clínica ou intervenção cirúrgica, e ao fornecimento de diagnósticos técnicos que outros colegas confirmavam, quase sempre por espírito de solidariedade, dentro da classe; mas, aqui, a paisagem modifica-se. Cabe-me usar a língua como estilete criador de vida nova. A casa está repleta de cooperadores que trabalham, servindo-lhe ao programa de socorro, e se submetem aos nossos cuidados de orientação médica, simultaneamente. Não basta, porém, que eu lhes diga o que sofrem, como fazia antigamente. Devo funcionar, acima de tudo, como professor de higiene mental, auxiliando-os na germinação e desenvolvimento de ideias reformadoras e construtivas, que lhes elevem o padrão de vida íntima. Distribuímos recursos magnéticos de restauração, com todos os

necessitados, reanimando-lhes a organização geral, com os elementos de cura ao nosso alcance; entretanto, não sem ensinar, a cada enfermo, algo de novo que lhe reajuste a alma. Noutro tempo, tínhamos o campo de ação na célula física. Presentemente, todavia, essa zona de atuação é a célula mental.

Observando a disposição ativa do companheiro, meditei no tempo que dispendera, antes de participar dos serviços médicos da região superior a que fora conduzido, e perguntava a mim mesmo a razão pela qual fora Gotuzo tão depressa utilizado, ali, na esfera de socorro aos aflitos. Reparei, todavia, que o novo amigo não me recebia os pensamentos, nem mesmo de maneira parcial, demonstrando-se menos exercitado nas faculdades de penetração e, acompanhando-o ao recinto, onde o aguardava extensa clientela, notei que a assistência ali era ministrada a doentes em massa, dentro de vibrações mais grosseiras e lentas, exigindo a colaboração especializada de médicos desencarnados que, como acontecia a Gotuzo, ainda conservavam regular sintonia com os interesses imediatos da Crosta Terrestre.

## VI

## DENTRO DA NOITE

A diferença de atmosfera, entre o dia e a noite, na Casa Transitória de Fabiano, era quase inalterável. Não conseguia estabelecer comparações apreciáveis, mesmo porque, durante todo o tempo de nossa permanência no instituto, estiveram acesas as luzes artificiais. Denso nevoeiro abafava a paisagem, sob o céu de chumbo e, ao que fui informado, grandes aparelhos destinados à fabricação de ar puro funcionavam incessantemente, na casa, renovando o ambiente geral. Víamos o Sol, fundamentalmente diferenciado, em pleno crepúsculo. Semelhava-se a um disco de ouro velho, sem qualquer irradiação, a perder-se num oceano de fumo indefinível. Cotejando a situação com os quadros primaveris da Crosta Planetária, os ocasos da esfera carnal parecem verdadeiras decorações do paraíso.

Permanecíamos em região onde a matéria obedecia a outras leis, interpenetrada de princípios mentais extremamente viciados. Congregavam-se aí longos precipícios infernais e vastíssimas zonas de purgatório das almas culpadas e arrependidas.

Na verdade, muita vez viajara entre a nossa colônia feliz e o plano crostal do planeta, atravessando lugares semelhantes, mas nunca me demorara tanto em círculo desagradável e escuro como esse. A ausência de vegetação, aliada à neblina pesada e sufocante, infundia profunda sensação de deserto e tristeza.